

**Jornal Notícias**

29-08-2016

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 110603**Temática:** Lazer**Dimensão:** 2460 cm²**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/8/9

- Em dois meses mais de 500 utilizadores pediram para ser impedidos de entrar nos três sites de apostas autorizados em Portugal
- Autoexclusão foi criada para proteger jogadores da dependência e evitar que contas bancárias fiquem com saldo negativo Páginas 8 e 9

Excluídos do jogo online são o dobro dos de casinos

Nacional

29 de agosto de 2016 Jornal de Notícias



Legislação Jogadores menos enganados

Nos sites legais, os jogadores têm de fornecer dados como a identificação fiscal, mas também recebem a garantia de que o dinheiro ganho vai parar diretamente à conta bancária que indicaram, sem que haja falhas. E se as houver, podem reclamar junto do regulador, que pode atuar junto dos operadores.

Dependências 539 jogadores online requereram autoexclusão em pouco mais de dois meses. Psicólogo alerta para a necessidade de serem criadas linhas de ajuda

Mais excluídos no jogo online do que nos casinos

Dina Margato
 dina.margato@jn.pt

► Até ao início do mês, 539 jogadores pediram para ser impedidos de entrar em casas de apostas desportivas ou de jogos de casino online. Serão poucos? Muitos? Os pedidos de autoexclusão do jogo territorial mostram que são quase o dobro dos que pedem para não entrar em casinos: este ano, segundo o Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos (SRIJ), há até agora 329 pedidos. No total do ano passado, ascenderam a 533.

Prevista na lei, a autoexclusão foi criada com o propósito de proteger jogadores da dependência e de consequentes contas bancárias abaixo do zero. Na prática, mediante o preenchimento de um formulário, os operadores bloqueiam a atividade aos clientes.

Nesta fase, os 539 pedidos dizem respeito a três sites. À primeira licença – a do site Betclix.pt, o primeiro a ser lançado em Portugal, a 25 de maio –, sucederam-se outras duas (Bet.pt, Estorilcasinos.pt), uma delas de jogos de casino. Só em junho de 2015, foi criada legislação para o jogo online e a regulamentação demorou o seu tempo. Entretanto, as ofertas fora da lei terão sido fechadas.

Fonte da plataforma “Jogo responsável” e do “Observatório do

jogo Remoto” prevê mais de uma dezena de sites autorizados no decorrer deste ano. O SRIJ recebeu, “13 candidaturas, sendo que, por regra, cada uma contém pedidos de licença para mais do que uma categoria de jogos e/ou apostas”.

É o corrupção comercial após o vazio legal. No passado, os sites operavam à margem da lei, não eram obrigados a pagar impostos, escapavam à fiscalização e os jogadores não tinham os seus direitos assegurados, nem garantias dos pagamentos apostados. Em 2015, o setor ganhou legislação e medidas protetionistas para os clientes, em prol de um jogo saudável. E o Estado passou a reunir condições para combater resultados viciados e branqueamento de capitais.

“Um número elevado”

Pedro Hubert, do Instituto de Apoio ao Jogador (IAJ), considera cinco centenas de pedidos de autoexclusão um número elevado para pouco mais de dois meses, uma vez que esse é o valor total de um ano para os casinos. “É muito. Sendo assim, parece-me urgente que se comece a trabalhar mais nas linhas de ajuda”, alerta.

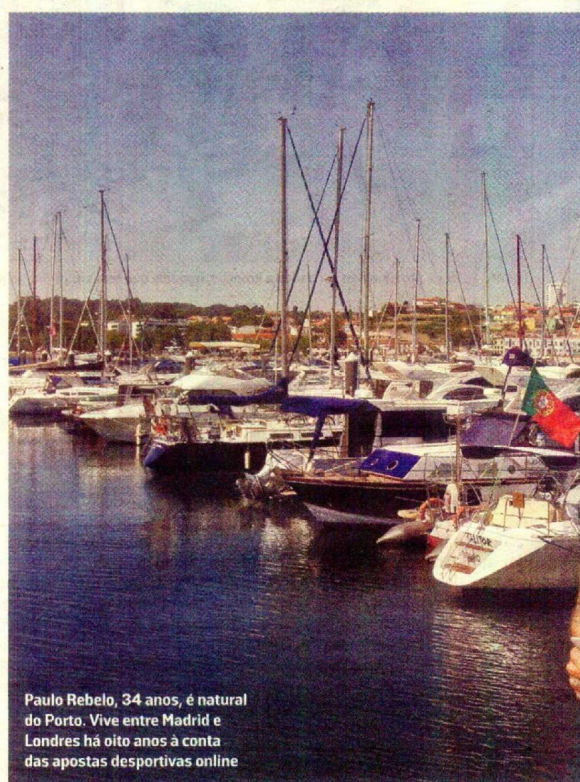
Aos olhos do responsável pelo “Jogo Responsável”, que preferiu não ser identificado, nem são assim tantos. “Estes pedidos podem ser feitos através de um clique e em

cima da hora, porque se está zangado com o resultado de uma aposta, com o desenrolar do jogo”.

Hubert está convencido de que estamos diante de uma moda, à medida de um tipo de utente particular: “Jovem na casa dos 25, 30 anos, com pelo menos 12.º ano ou licenciatura, conhecedores do funcionamento da informática. Percebem melhor os meios de pagamento, os retornos”. Normalmente, são “uma população diferente (dos do casino), com carreira, que lhes dá a ideia de invencibilidade, de sucesso, e aqui têm de perceber que o sucesso passa muitas vezes por deixar de jogar em vez de perseguir o prejuízo”.

O jogo online, defende o psicólogo, tem maior risco de adição, precisamente por causa da facilidade de acesso, de se poder jogar em tempo real e em simultâneo em vários sites e durante 24 horas. “Há uma enorme quantidade de jovens convencidos que percebem muito de futebol e resolvem apostar em tempo real”.

E deixa um alerta: “O jogo é como o álcool. Não tem problema em si, o problema é que algumas pessoas têm predisposição para a dependência e essas pessoas têm de ser devidamente identificadas, e bem avisadas. E os que já têm problemas têm de ser bem encaminhados”. ●



Paulo Rebelo, 34 anos, é natural do Porto. Vive entre Madrid e Londres há oito anos à conta das apostas desportivas online

“Dá muito trabalho pôr dinheiro a trabalhar por nós”

OPÇÃO DE VIDA O fundador da Associação Nacional de Apostadores Online, criada em 2012, é natural do Porto e vive entre Londres e Madrid há oito anos, por causa da atividade profissional: fazer apostas desportivas na área do futebol. Paulo Rebelo, 34 anos, era um incompreendido quando começou a dedicar-se às apostas. Hoje, invejam-no, diz.

Para estar em cima da transmissão dos jogos, começou por mudar-se para Espanha, próximo da fronteira. Mas rapidamente percebeu que precisava de estar perto das grandes ligas. “Da Liga inglesa, porque tem a maior liquidez, de todo o Mundo, e da Liga espanhola, porque tem o Real Madrid e o Barcelona”,

conta. Residindo nessas capitais, conseguia assistir aos jogos com segundos de antecedência, o que determina o sucesso da aposta e da sua alteração à medida que a partida evolui. Tudo a uma velocidade estonteante.

O seu trabalho baseia-se em probabilidades, que, por sua vez, se sustentam em informação que vai reunindo sobre os jogos e sobre os atletas. “Se um jogador se lesiona, isso vai fazer com que seja menos provável que ganhe”.

Paulo Rebelo era miúdo quando se sentiu fascinado pelo prazer da aposta. Mais tarde, na sequência do curso da Faculdade de Economia da Universidade do Porto que frequen-



80%

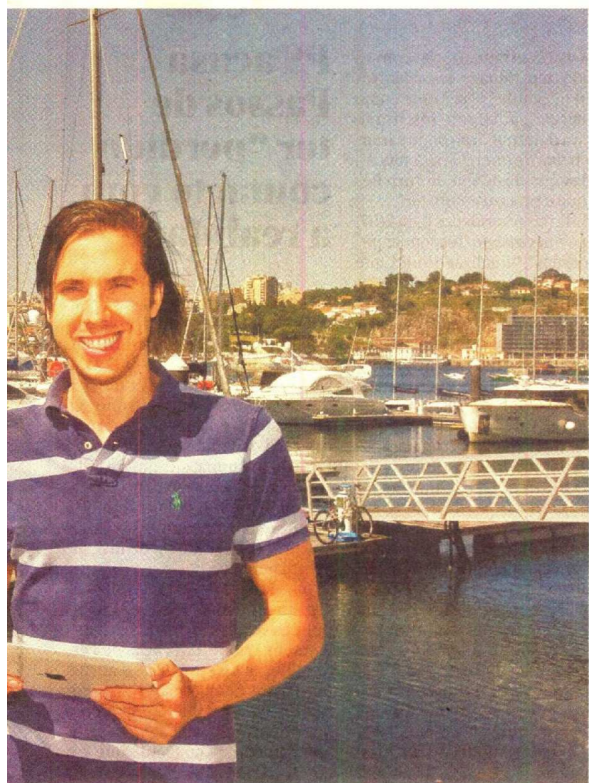
dos jogadores

online que pedem ajuda ao Instituto de Apoio ao Jogador são apostadores, sendo os restantes 20% viciados em videojogos e outros. O perfil da pessoa que procura apoio é muito semelhante ao de estudos internacionais.

3

meses

é o período mínimo que o jogador online pode autoexcluir-se, diretamente no site de apostas. Quando o faz junto do regulador, fica automaticamente impedido de jogar em todas as ofertas licenciadas. Nos casinos, a autoexclusão vai de um a cinco anos.



SHUTTERSTOCK

Aprovado acordo para distribuição de prémios no póquer



DAIMAR

Participantes já podem chegar a acordo e antecipar fim dos torneios

JOGOS ONLINE O póquer sofreu uma alteração há muito aguardada e desejada pelos jogadores. Desde o passado dia 11 de agosto, já é possível que os participantes em torneios online façam a repartição dos prémios sem que seja necessário

encontrar os vencedores efetivos de cada um dos lugares premiados. Algo que já acontece em quase toda a Europa.

A alteração foi publicada em "Diário da República" no dia 10 e recebida com entusiasmo pelos

portugueses. Uma medida que já se aplicava nos torneios ao vivo e que facilita a divisão dos prémios, desde que, para tal, haja entendimento entre os finalistas do torneio.

Antes da alteração do regulamento, todos os torneios de póquer online tinham a obrigatoriedade de ser disputados até ao final, de forma a encontrar o vencedor. Uma regra que, na maioria das vezes, prolongava o jogo por muitas horas e provocava cansaço e saturação nos participantes, sobretudo quando a banca (número de fichas) dos finalistas eram semelhantes. Para evitar situações deste tipo, passa a existir a possibilidade de os finalistas chegarem a um acordo de divisão de prémio – pode ser feita através de uma aplicação ou no contacto com um moderador do site. Algo que, na maioria das vezes, acontece entre os dois finalistas.

Por exemplo, se o primeiro lugar tiver um prémio de 10 mil euros e o segundo de cinco mil, os dois finalistas poderiam chegar a um acordo que agrade a ambas as partes. Ou seja, juntar os dois prémios e dividi-los por dois, permitindo um caixa de 7500 euros a cada um. Porém, as possibilidades de divisão de prémio não se ficam por aqui. Tudo dependerá das fichas e da capacidade negocial e entendimento entre os finalistas. **n.v.s.**

tou, e "onde era um dos 10 melhores alunos", reuniu os instrumentos de que precisava. Primeiro virou-se para a bolsa de valores, depois arranhou coragem para se dedicar às apostas desportivas.

A namorada da altura teve dificuldade em entender a escolha. "Ela, como as outras meninas, precisava de estabilidade e projetos, e eu não lhe conseguia garantir nada disso. Já achava que podia viver acima da média, mas não lhe podia garantir nada. Não era um emprego fácil de aceitar".

Socialmente, sempre foi incompreendido. Até há bem pouco tempo, o pai preferia dizer que o filho trabalhava na área da internet. "Houve alguma resistência da parte da família". No início, "quando dizia que era apostador profissional, as pessoas tinham pena de mim, pensavam que trabalhava numa cave com mafiosos. Agora, já não têm pena de mim e ainda me invejam, no bom sentido".

De qualquer modo, desengane-se quem pense que se trata de uma questão de sorte. "O jogo é uma fon-

te de prazer e tem de ser pago. A maior parte dos apostadores perde dinheiro. Só uma minoria consegue ganhar e uma minoria dentro da minoria ganha de forma consistente". Mais: "Dá muito trabalho pôr o dinheiro a trabalhar para nós". E insiste que esta atividade "não é para toda a gente".

Hoje, foca o seu trabalho na variação do valor da aposta e usa robôs, software apropriado, que apostam por ele. E decidiu ter um papel interventivo no direito dos jogadores. Em 2012, criou a associação não só para influenciar a criação de legislação favorável ao apostador, como também para combater a ludopatia. "Aqueles que apostam sem parar, compulsivamente, já não o fazem com prazer".

Defende a regulação, segundo a qual, por exemplo, quem paga impostos são as casas de apostas e não os jogadores, e o crescendo de sites legais. Só assim haverá concorrência ao mercado encoberto. "Se os prémios são maiores (nos sites ilegais, porque não pagam impostos), tornam-se mais atrativos". ●

conselhos úteis :

Identificação da empresa

● Os dados relativos à empresa devem garantir que o operador é identificável e contactável. A designação social da empresa, o seu local de registo e o seu endereço de correio eletrónico são informações que devem estar disponíveis no site.

Conhecer o software do site

● Todos os sites de póquer online oferecem a oportunidade de jogar gratuitamente, através de dinheiro "virtual". Esta é uma boa forma de conhecer o site e o seu software, antes de utilizar dinheiro "verdadeiro" e de se habituar com o mecanismo do site – ou seja, saber quais são os "bótons" a que deve aceder para realizar determinada jogada.

Sinal de "interdito a menores"

● Um sítio de jogos e apostas online deve conter um sinal de "jogo interdito a menores", que evidencie a idade mí-



nima abaixo da qual o jogo não é permitido.

Sinal de "Jogo responsável"

● Neste sinal deverá ser possível aceder a informação de que o jogo pode ser nocivo quando não controlado, a informação sobre as medidas de apoio ao jogador no sítio web e a testes de autoavaliação, para o joga-

dor poder verificar o seu comportamento de jogo.

Informações e assistência

● Um sítio de jogo e apostas online deve incluir uma ligação para, no mínimo, uma organização que forneça informações e assistência relativamente às perturbações de comportamento vinculadas ao jogo.

Responsabilidade e diversão

● Para conseguir divertir-se com segurança, o jogador deverá ter sempre presente que está a jogar com dinheiro que poderá perder. A boa notícia é que, na internet, é possível jogar com centimos. É também importante analisar o seu jogo e o póquer em geral, para não efetuar jogadas irracionais.

As informações disponibilizadas foram retiradas dos sites www.jogoresponsavel.pt e www.pokerpt.com